

5 de maio de 1872 mencionaria que a rebelião de 1848 fora realizada pelo “povo espezinado por uma oligarquia de família, pela compressão de leis vexatórias e pelo brutal ascendente de um feudalismo repugnante”. A opinião culta vinha sendo trabalhada pela pregação de Lopes Gama e de Antônio Pedro de Figueiredo; a luta partidária, desde 1842, vinha sendo comandada pelo *Diário Novo*; o ânimo popular, até onde as idéias impressas alcançavam, vinha sendo trabalhado pelas folhas liberais que proliferavam.

A *Voz do Brasil*, que começou a circular a 27 de outubro de 1847, clamava: “Sim, a população brasileira vive em sua pátria escravizada, ou, para melhor dizer, esmagada pela influência estrangeira, e até hoje ainda não apareceu um escritor generoso e verdadeiramente patriota que tratasse de debelar pela imprensa essa influência maligna, que faz com que, em vez de constituirmos uma nação rica, pelos recursos que oferece o nosso território, vivamos na miséria e na ignomínia”. Redigia a folha Inácio Bento de Loiola que, em sua carreira de agitador, publicou vários jornais e pasquins, além de *A Voz do Brasil*: o *Diário do Povo*, após a derrota da rebelião, o *Conciliador*, o *Jornal do Comércio*, o *Raio*, o *Cidadão*, o *Ordem*. Alfredo de Carvalho viu nele um “foliculário de linguagem e furor de invectivas sem exemplo”, comandando “campanha nativista tão vergonhosa quanto desarrazoada”, prova de que a história de nossa imprensa necessita mesmo ser revista para reduzir tais prejuízos, preconceitos e erros de julgamento às devidas proporções.

A folha de Inácio Bento de Loiola teve influência, realmente, nos tumultos recifenses de dezembro de 1847 e de junho de 1848. A 19 de fevereiro deste último ano, bradava: “Chora, Pernambuco. . . E tu, povo, raça infortunada em toda a parte, chora também! De tudo isso que vês, nada te pertence. Essas administrações tão numerosas, esses palácios, esses carros suntuosos, esses tribunais, são para os teus senhores. (. . .) Chora, chora. O teu quinhão é o arbitrário, os dolorosos trabalhos, a miséria e os rudes tormentos. Teu filho pertence ao exército, teu suor ao tributo, tua filha à prostituição: eis a tua sorte”. A *Voz do Brasil*, em fins de junho de 1848, saudava Borges da Fonseca como “mártir da liberdade”, aquele que “primeiro bradou neste Pernambuco contra a iniquidade da corte lusitana no Rio de Janeiro, e do predomínio estrangeiro”. Preso em junho de 1848, Inácio Bento de Loiola foi novamente encarcerado, a 3 de janeiro do ano seguinte. A 23 de dezembro imediatamente anterior, convocara os militares à rebeldia: “Soldado! se queres um dia apontar com glória para as cicatrizes do teu peito, não as ganhe em defesa da opressão e da tirania; ganhe-as combatendo pela pátria e pela liberdade”. A 2 de novembro, às vésperas